

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Comemoremos unidos

O 31 DE Janeiro

Onde os democratas se uniram com vontade de impôr a comemoração do 5 de Outubro, essa comemoração realizou-se: o caso de Viseu ilustra-o melhor do que qualquer outro. Sendo o 31 de Janeiro outra data querida dos democratas portugueses, principalmente no norte do país, a mesma vontade deve forjar-se no sentido de comemorar em acção o aniversário daquela Revolução.

Quase 40 anos dura a luta do povo português contra a ditadura. Vitórias e derrotas têm sido passos necessários ao fortalecimento da unidade anti-fascista, à mobilização e consciencialização política das massas. Organizações unitárias têm surgido e desaparecido para dar lugar a outras, todas elas procurando aproveitar as condições legais, semi-legais e ilegais.

Nas últimas «eleições» encontraram-se reunidos na luta por objectivos idênticos os comunistas, os socialistas, os liberais, os católicos progressistas e os monárquicos independentes. Esta unidade conseguida deve marcar os esforços para a próxima cooperação de todos os democratas para uma comemoração do 31 de Janeiro com sessões públicas, romagens, jantares, que tornem ainda mais sólido o entendimento entre os anti-fascistas e preparem assim novas e decisivas jornadas de luta, a caminho da vitória da democracia sobre o fascismo.



O VI CONGRESSO, AS «ELEIÇÕES» E A UNIDADE

«Impõe-se que todas as forças anti-fascistas encarem a luta pelo derrubamento da ditadura, não como umas coisas que se vão fazendo, mas como um trabalho de revolucionários, exigindo uma organização revolucionária», declarou o camarada Álvaro Cunhal no VI Congresso, ao apresentar o relatório de actividade do Comité Central. Importante afirmação esta que viria a ter plena confirmação no passado período «eleitoral». Fizera-se afim de umas coisas e coisas importantes, diga-se desde já. Mas não se realizou um trabalho revolucionário consequente, não se viu em campo uma organização de unidade democrática ampla a bater-se contra o fascismo, mas sim uma descoordenação das forças oposicionistas, uma dispersão de esforços que não procurou com antecedência apoiar-se em comissões «eleitorais», nem nas amplas Comissões de Apoio que ainda tiveram tempo de se formar e de anunciar-se.

Não há dúvida possível que este período «eleitoral» veio uma vez mais demonstrar que «existem deficiências e dificuldades no movimento anti-fascista, que é necessário considerá-las atentamente e trabalhar com afinco para eliminá-las ou pelo menos diminuí-las». O camarada Álvaro Cunhal foi claro na tribuna do VI Congresso ao referir-se às «eleições» fascistas: «As concessões que tais sectores julgam poder alcançar com «diligências», só pela luta popular de massas podem ser alcançadas e para que a luta popular de massas se desenvolva é necessário que as forças anti-fascistas, confiantes na força do povo e apoiadas no povo, resolvam fazer frente corajosamente aos manejos fascistas e à repressão.»

Esses sectores não quiseram tirar lições de lutas «eleitorais» passadas, não aceitaram o princípio da

unidade democrática sem exclusivos e das discussões para a formação dum amplo movimento eleitoral que se estribasse em milhares de comissões e, esquecidos de que tinham voltado costas ao apoio popular, dirigiram aos fascistas um «ultimatum» de 3 dias para a publicação de um documento e para a obtenção de facilidades de propaganda, que não era afinal mais do que o primeiro passo para uma desistência que viria rapidamente a registar-se com o abandono da luta, o desaproveitamento dos dias que restavam até ao acto «eleitoral».

Só pela luta popular de massas podiam ser arrancadas as concessões que exigiam do fascismo. Só pela luta popular de massas algumas delas foram concedidas pelo fascismo noutros períodos. Só confiantes no povo e apoiados no povo, fazendo frente corajosamente aos manejos fascistas e à repressão e até ao último minuto concedido pela lei se teriam alcançado algumas concessões impostas daquela maneira ao fascismo, se teriam aproveitado todas as condições que um período «eleitoral» permite para o (continua na pág. 2)

OS COMUNISTAS NÃO SE VERGAM

APELO CONTRA AS
Torturas

frente aos carrascos!

HERÓICO COMPORTAMENTO DE DOMINGOS ABRANTES, MARIA DA CONCEIÇÃO E OUTROS

Na polícia não se fala! Um comunista não denuncia, não informa, não confirma, não trai! Os funcionários do Partido, a quem cabe em liberdade a divulgação deste princípio sagrado, dão, uma vez presos, o exemplo de como isso é possível na prática.

A longa lista dos heróicos comportamentos frente aos carrascos da PIDE, o «Avante!» orgulha-se de apresentar mais dois nomes de comunistas exemplares: os camaradas Domingos Abrantes e sua compa-

nhreira, Maria da Conceição. Escolhemos estes 2 camaradas entre muitos outros e outras que podíamos referir (António Graça—26 dias sem dormir, com choques eléctricos, etc.—Maria Cabecinha, Amélia Estêvão, Custódia Maria, Alice Capela, Rosinda, etc.), porque Domingos Abrantes não é um desconhecido. É um camarada de muita responsabilidade no Partido, que já fora preso e tivera um comportamento exemplar, que fizera no Tribunal militar em que foi julgado uma soberba defesa política que o «Militante» publicou, que participou na sensacional fuga de Caxias com Francisco Miguel e outros camaradas, que se integrou imediatamente na luta clandestina.

Não houve tortura de sono nem espancamentos que fizessem abrir a boca de Domingos Abrantes, que se dedicou inteiramente ao Partido e preferia morrer a prejudicá-lo.

Se como responsável do Partido só havia a esperar esse comportamento do camarada Domingos Abrantes, já da sua companheira só o podíamos esperar pela sua honestidade, pela sua dedicação no pouco tempo de ilegalidade que viveu e pela educação de comunista que recebeu do Partido, principalmente através do seu companheiro.

Desconhecia para o conjunto do Partido, ela tornou-se, porém, de um dia para o outro, um dos seus orgulhos mais legítimos com o seu heróico comportamento, com a coragem e firmeza que marcaram desde o primeiro ao último minuto a sua determinação de nada declarar à PIDE. Submetida às piores torturas (continua na pág. 4)

OS CORTICEIROS VENCERAM!

● Aumentos de 6 a 8 escudos diários

Ainda no número de Novembro tirámos a lição da vitória dos operários de Pero Pinheiro e já hoje temos a assinalar a magnífica luta dos corticeiros da margem sul do Tejo. É esta uma região e aquela uma profissão plenas de experiência, em que as lutas se sucedem, quase sempre vitoriosas. A maneira

como esta última luta foi conduzida prova-o mais uma vez.

Lançada a luta por aumento de salários em cada uma das principais empresas, conseguidos numa ou noutra pequenos aumentos, logo a reivindicação percorre toda a região. A luta desenvolve-se então simultaneamente na empresa e no sindicato. Surgem as comissões de unidade nas empresas, dão-se as primeiras idas ao sindicato seguidas duma concentração onde nasce a comissão sindical. As comissões de empresa junto dos patrões e a comissão sindical junto do sindicato lutam para que as promessas se concretizem, insistem em nome da sua unidade e forçam assim a um aumento geral.

Percorrendo as várias etapas, a luta cresceu e a vitória sorriu aos corticeiros da margem sul do Tejo. Todos foram aumentados em 6 ou 7 ou 8 escudos. Também aqui, como em Pero Pinheiro e noutros locais, o patronato evitou os 10800 de aumento, que é a reivindicação geral dos trabalhadores da Ribatejo, Margem Sul e outras regiões. Mas nem por isso a vitória ficou ofuscada. Até porque a luta continua e os corticeiros não deixam o patronato fazer o que quer.

Por exemplo: a SIC (Sociedade (continua na pág. 3)

Uma vitória dos estudantes que incentiva novas lutas

Paulo Cunha demitiu-se!

Na abertura deste ano lectivo, Paulo Cunha demitiu-se! Mais do que isso: o Governo demitiu Paulo Cunha e deu-lhe a aparência duma demissão pessoal.

Há cerca de dois anos que entre as reivindicações mais sentidas dos estudantes de Lisboa figurava a demissão do Reitor-polícia Paulo Cunha.

Apanhado a escutar conversas, a

espreitar por detrás de janelas, a interferir com estudantes, a pedir a identificação de alunos, como qualquer reles polícia, Paulo Cunha, o antigo ministro dos estrangeiros e actual ministro de Angola transformado em reitor e depois em bufo da PIDE fora tratado pelos universitários como merecia. Passou a ser assobiado e vaiado cada vez que aparecia num (continua na pág. 3)



«ELEIÇÕES» FASCISTAS

Comentário aos números e palavreado do Ministro fascista do Interior

«Tudo se fez para emprestar ao acto eleitoral a maior dignidade»

Examinemos sucintamente o que foi essa «dignidade» emprestada pelos fascistas: no nosso País apenas 15 portugueses em cada 100 são considerados «eleitores»; destes 15 por cento muitos foram cortados por serem democratas; não foram passadas dentro do prazo as certidões de eleitores para a apresentação duma lista oposicionista em Aveiro; não foram dadas (nem emprestadas!) as condições legais aos candidatos da Oposição de Lisboa, Porto, Viseu e Leiria, o que os levou a desistir; foram cortados candidatos de Braga, iniciada a campanha 3 dias antes do seu final, e depois recusado o adiamento das «eleições» nesse círculo, apesar de não ter fornecido papel para os boletins de voto dos oposicionistas; foi lançada uma bomba contra a residência de um dos candidatos de Lisboa; foi preso um membro da Comissão de Apoio às candidaturas oposicionistas de Braga; foram proibidos ou apreendidos cartazes de propaganda; foram vigiados e perseguidos em todos os círculos os candidatos oposicionistas e os membros das comissões de apoio. E a tudo isto que os fascistas chamam a dignidade que emprestaram ao acto eleitoral, o que é uma forma de demonstrarem a indignidade que os caracterizam em todos os actos.

«Obteve-se em todos os aspectos uma vitória inofensável».

O cavalheiro deve querer referir-se ao facto de terem conseguido através dos mais baixos meios impedir em todo o País a concorrência da Oposição às urnas. Foi uma vitória inofensávelmente típica dum regime fascista.

«Tudo leva a crer que a percentagem global de votantes venha a ultrapassar os 70%».

Façamos uns pequenos cálculos. Como em cada 100 portugueses já só podem votar 15, se votarem (diz ele claro!) 70 por cento destes 15, apuramos que só votaram no conjunto do País 10,5%. Não esqueçamos porém que estes são os números gerais, falsos, não controlados por ninguém. A verdade é que na própria falsificação dos números eles tiveram de ter em conta a maior ou menor presença de povo fora das secções de voto, fazendo o único controle possível (e mesmo esse, perigoso, dado o número de agentes da PIDE que por ali circulavam). É assim, por exemplo, que em Alpiarça, não tiveram a desfaçatez de ir além de 29,6%, ou seja, que em cada 100 habitantes de Alpiarça votaram, participaram no acto, 4 pessoas!

Sempre na base dos resultados falsos apresentados pelos fascistas podemos dizer que nos círculos mais conhecidos como bases de forte oposição, participaram na farsa entre 4 pessoas em cada 100 habitantes (Alpiarça) e 10 em Silves, como se prova nos seguintes números: 4,1% dos habitantes de Alpiarça; 4,9% dos de Campo Maior; 7,5 de Sobral de Monte Agraço; 7,8% da Batalha; 8,2 de Évora e Sintra; 8,5 de Alcácer do Sal; 8,7 de Setúbal e Moja; 8,8 de Chamusca; 8,9 de Montemor-o-Novo; 9 de Alcobaça, Mor-

tágua e Torres Vedras; 9,3 de Lourenhá e Ferreira do Alentejo; 9,4 do Cartaxo e Angra do Heroísmo; 9,5 de Lousada e Santo Tirso; 9,6 de Vila Franca de Xira; 9,7 de Santarém; 9,8 de Aveiro, Guimarães e Belmonte; 9,9 de Silves. Mesmo nas duas grandes cidades do País, as médias não são diferentes, apesar da concentração do funcionalismo público, corporativo, militar e religioso, mais ou menos obrigado a votar, juntamente com a grande burguesia também aí instalada: 9,6% para o Porto (e no 1º Bairro não passou de 8,9) e 10,5% para Lisboa (com 9,9 no 3º Bairro).

Repáre-se ainda, e sem comentários, a seguinte nota do «Jornal de Notícias» sobre a votação no Porto: «Não compareceu para votar nenhum natural do Estado Português da Índia!!! Se nem cá eles votam, como acreditar que votariam pelos fascistas na Índia?»

«...Registando-se, portanto, uma margem de abstenções inferior a 30 por cento do número de eleitores inscritos. Nesta estreita margem de menos de 30%, desafiado ainda o número dos ausentes e dos indiferentes, se teriam silenciado os votos da «Oposição Democrática» e seus aliados, se porventura tivessem concorrido às eleições».

Sempre na base dos falsos números favoráveis ao fascismo, não é naqueles 30 por cento que teremos de encontrar a Oposição mas sim no conjunto de portugueses que não votam, porque nunca se inscreveram nos cadernos, porque foram cortados dos mesmos ou se absteram. Verificando-se que 96 por cento da população de Alpiarça não votou, que em Campo Maior não votaram 95,9 por cento dos habitantes, em Sobral de Monte Agraço 92,5; em Évora 90,2; no Porto 90,4; em Lisboa 89,5 por cento; etc, o que se pode desde logo afirmar, mesmo partindo dos resultados falsificados pelos fascistas é que os representantes dos monopólios e dos latifundiários, os grandes accionistas da Indústria e os grandes lavradores que o fascismo agora nomeou deputados só foram votados por 10,5 por cento dos portugueses, e que a Oposição se situa pois nos restantes 89,5 por cento da população.

«O povo português continua, pois, a confiar na orientação na sabedoria e na firmeza do estadista insigne (...) e porque confia nele, deu-lhe mais uma vez o seu voto, numa afirmação inextinguível do mais puro portuguesismo».

Uma vez que o ministro fascista deixou de falar em «eleitores» para falar do povo português (eleitores inscritos, não inscritos e menores) também nós tiramos a nossa conclusão. A serem verdadeiros os falsos números apresentados ainda se verifica que em cada 100 portugueses cerca de 90 não votaram nos fascistas, isto é, não confiam em Salazar, opõem-se-lhe e protestam contra a falta de liberdades, a censura, a PIDE, a repressão, a guerra colonial, a carestia da vida, os baixos salários e ordenados, a falta de verbas para a educação, a saúde e a assistência, contra o desemprego e a política da fome, contra os monopólios industriais e agrícolas, contra a perda da independência nacional em proveito do imperialismo estrangeiro contra o fascismo.

PELA AMNISTIA

Contra as «medidas de segurança»

José Vitoriano, preso há 13 anos, cumpre «medidas de segurança» desde 1957. Sofia Ferreira, presa há quase 7 anos e doente, entrou no 1º período de «medidas». Sofrendo as famigeradas «medidas» encontram-se presos Carlos Aboim Inglês, Augusto Lindolfo, José Bernardino, Sena Lopes, Carlos Brito, Natália David, Albina Fernandes, Maria Albertina Diogo e tantos, tantos outros presos políticos, alguns com a saúde completamente arruinada, como é o caso de José Rolim, que necessita urgentemente de ser ope-

rado na Alemanha, única nação onde parece possível salvá-lo.

Quem determina que estes valentes homens e mulheres, patriotas dos mais firmes, exemplos de lutadores em prol do seu povo e do seu país, se encontrem nessa situação? O causador imediato é o director da PIDE, o qual, segundo a lei, apresenta ao tribunal propostas tendentes a manter ou a anular a perigosidade anteriormente declarada pelos «juizes» do Plenário. É o director da PIDE o senhor todo poderoso dos destinos do preso. Mas responsáveis pela manutenção dos presos em «medidas de segurança» são também os juizes dos quatro tribunais criminais afectos ao Plenário que, regra geral, aceitam sem discussão as propostas do director da PIDE, quando afinal lhes cabe a eles julgar do valor ou nulidade de tais propostas.

Há, pois, que insistir junto dos juizes dos tribunais criminais afectos ao Plenário para que sejam examinados os casos de José Vitoriano, Sofia Ferreira, José Rolim e todos os outros presos em «medidas». As famílias e amigos desses presos devem agir, os advogados dos presos devem ser pressionados para se dirigirem àqueles juizes para que não sejam prorrogadas as medidas e eles sejam imediatamente libertados. Os homens e mulheres de coração devem lutar pelo fim do decreto das «medidas de segurança» e assinar em massa o apelo nacional por Amnistia de todos os presos políticos.

Fora com as «medidas de segurança»! Amnistia!

RECORDEMOS OS MELHORES COMBATENTES MORTOS

Em anos sucessivos, em Dezembro, a classe operária e o povo português perderam 4 abnegados combatentes: Alfredo Caldeira, membro do C.C. do P.C.P. e António Guerra, operário vidreiro e comunista responsável, foram assassinados no Tarragal; Soeiro Pereira Gomes, escritor de vanguarda e dirigente do Partido, faleceu na clandestinidade; Dias Coelho, notável figura de artista e digno militante responsável do Partido, foi cobardemente abatido a tiro, pelos algózes da Pide, numa rua de Lisboa.

Todos eles foram exemplo de coragem, de firmeza, de intransigência revolucionária face ao inimigo, de abnegação sem limites à causa da classe operária e ao Partido Comunista. Recordamo-los e apontamo-los como exemplo a todos os comunistas.

O VI Congresso e a unidade

(continuação da pág. 1)

esclarecimento da população, para o desenvolvimento da consciência política e da combatividade das massas populares.

Se algumas coisas importantes se fizeram nas últimas «eleições» e não se ficou só no «mercado presença» ainda foi resultado da unidade conseguida à última da hora. Foi ainda pelo debate fraternal de ideias que se travou no seio dos candidatos que o Manifesto traduziu a reivindicação popular e patriótica de pôr termo às guerras coloniais, à repressão, às torturas, às sanções sobre os estudantes, à emigração, etc. Foi ainda pelo debate fraternal de ideias que o documento de desistência (contra a qual estiveram sempre os candidatos da Brega e outros) não aparece como um simples acto de capitulação mas se tornou ainda um ataque ao fascismo que conduziu a um maior esclarecimento popular sobre o significado da política de guerra colonial da ditadura e do direito dos povos à autodeterminação.

Aproveitemos as lições de mais esta experiência. A unidade é preciosa para todos. Unidos e confiantes nas nossas opiniões por elas se têm obtido grandes vitórias e imposto ao fascismo concessões que nunca força alguma obteve através de simples «diligências».

Contra a vontade do fascismo ainda se esboçaram no País movimentos contra a guerra colonial e a repressão, pela amnistia e pelo direito de associação, contra a censura. «É possível, e a luta comum o tem mostrado, unir os esforços» nessas lutas concretas — afirmou o camarada Álvaro Cunhal no VI Congresso do P.C.P. «Umamos-nos naquilo em que a unidade é já desde hoje possível e fácil». Como afirmou ainda o secretário-geral do nosso Partido e o VI Congresso aprovou, se não se pode «pretender uma unidade de vistas ENTRE

TODOS e EM TUDO», «é possível o estabelecimento duma PLATAFORMA ou de PLATAFORMAS, que permitam desenvolver a unidade de acção de todos os democratas e patriotas portugueses com o objectivo de conquistar a liberdade». Quer dizer, o Partido Comunista pensa que «o alargamento e o reforço da unidade anti-fascista deve ter lugar na base de acções concretas imediatas (...) e na base duma cooperação política de mais larga perspectiva, uma COOPERAÇÃO PERMANENTE de todos os sectores da Oposição».

A unidade, forjada no fase final das eleições, demonstrou que comunistas, socialistas, católicos, liberais e monárquicos independentes se podem entender na luta contra o inimigo comum, o fascismo salazarista. Mas o povo português não quer somente a Unidade para o período das eleições; quer a Unidade para o derrubamento da ditadura fascista. Esse é igualmente o objectivo do P.C.P. Impõe-se, por isso, encontrar as formas concretas e imediatas da Unidade.

As mais variadas formas de entendimento e de cooperação têm o apoio do Partido que está pronto a estudar todas as sugestões nesse sentido. A Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional pode, quanto a nós, representar nesse aspecto um papel de valor. Se, porém, nem todos são dessa opinião e pensam que no quadro da Frente será difícil de atingir aquela objectivo, então que se sugiram outras formas de entendimento e cooperação. «Pelo nosso lado estamos dispostos, — afirmou o camarada Álvaro Cunhal e o Congresso inscreveu no seu Apelo — a considerar a realização duma CONFERÊNCIA DA OPOSIÇÃO DEMOCRÁTICA para se discutirem os problemas da unificação de acção anti-fascistas».

Todos os militantes do Partido devem discutir na sua esfera de acção estes objectivos de luta comum com homens doutras correntes políticas. Comunistas, socialistas, liberais, católicos, monárquicos independentes, todos devemos trabalhar com vista a activar e alargar a unidade à volta dos problemas concretos em que já hoje é possível lutarmos unidos.

Parafraçando o fascista ministro do Interior, podemos afirmar que o povo português «correspondeu plenamente ao apelo que lhe foi dirigido» para boicotar as «eleições» fascistas.



A LUTA PELO AUMENTO DE SALÁRIOS

na margem sul do Tejo progride e obtém importantes vitórias

Zona altamente industrializada, na margem sul do Tejo vive uma parte importante do proletariado português senhor duma experiência e tradição de luta que o têm posto inúmeras vezes à cabeça do proletariado nacional. Ramos como o da cortiça, têm sido algumas vezes o ponto de partida de importantes lutas que se estendem rapidamente a toda a região, chegando mesmo até Grândola, Sines e Ermidas. Outras vezes é da formidável concentração operária das fábricas da CUF que parte a luta, a qual por sua vez se reflecte depois em toda a região e repercute particularmente nos estaleiros navais de toda a bacia do Tejo.

Uma vez mais a margem sul do Tejo tem estado em luta séria. Os milhares de operários da CUF e da UFA, os corticeiros de toda a região, os operários dos estaleiros da Parry & Son e da Lisnave, os metalúrgicos e motoristas da Siderurgia, os salinheiros de Alcochete, trabalhadores camarários, operários da construção civil, etc., têm levado o ano fazendo abaixo-assinados, concentrações, paralisações, lutado nas empresas e nos sindicatos, criado as suas comissões de empresa e sindicais. Várias são as reivindicações, mas a mais constante e geral é a de aumento de salários concretizada em muitas empresas ou exigências de mais 10 escudos diários.

O «Avante!» já referiu noutro local a recente vitória dos corticeiros com o aumento de 6, 7 e 8 escudos, tal como fizera noutro número para os aumentos por promoção com que foram beneficiados 75% dos operários da CUF e da UFA e que se traduziram em 4\$80, 7\$20,

VITÓRIA DOS CORTICEIROS

(continuação da pág. 1)

Industrial de Cortiça) fechou este ano 15 dias, em férias. Acontece, porém, que entre os operários muito poucos são os que têm mais de uma semana de férias. Isto quer dizer que durante uma semana os patrões não pagaram aos operários. Mas estes uniram-se, protestaram, foram ao Sindicato e acabaram por impôr aos patrões o pagamento de 4 dias da 2ª semana, pois o contrato colectivo obriga o patronato a dar pelo menos 4 dias de trabalho por semana.

É esta combatividade e a experiência de luta dos corticeiros da margem sul do Tejo que nos levam a afirmar que a vitória agora conquistada lhes dará alento e entusiasmo para novas lutas e para novos aumentos de salários que acompanhem o crescente aumento do custo de vida.

Entre essas lutas não devem os corticeiros esquecer a luta contra o desemprego. Agora é a Barreiras & Sancho, Lda., do Montijo, que se prepara para fechar. Os operários devem bater-se, unidos, pela garantia de trabalho.

Aos valentes corticeiros da margem sul do Tejo, o «Avante!» saúda pela magnífica vitória! A todos os trabalhadores em luta, o «Avante!» aponta o exemplo de unidade, de organização, de combatividade e de aproveitamento do sindicato fascista como métodos provados e seguros de os encaminhar para outras vitórias.

9\$20, 12\$00 e 16\$00 de aumentos, já sem falar doutras conquistas apreciáveis: subsídio de férias, subsídio de doença, algumas equiparações de salários, inclusão do prémio-mérito no salário base e na percentagem de turno para os que trabalham de turno.

É justo no entanto assinalar que outros operários em luta conseguiram nos últimos tempos apreciáveis aumentos de salários nesta região. Anotaremos os bravos trabalhadores dos estaleiros da Parry & Son (Cacilhas) que conquistaram 10\$00; os operários da Wicander (Seixal) aumentados em 5%; os trabalhadores de construção civil da firma Silva & Silva (Seixal) com 3 escudos de aumento; os valentes salinheiros de Alcochete, que ganham agora mais 4 escudos; os operários da Lisnave (Cova da Piedade) que conquistaram entre 8 e 10 escudos, e até os trabalhadores da limpeza pública da Câmara da Moita, que foram aumentados em 2\$50.

Muitos outros trabalhadores continuam a luta nesta região e com a sua tenacidade e seguindo o exemplo dos que já foram aumentados, terminarão por ver também aumentados os seus salários. Precisam para tal, ainda, de vencerem hesitações e de não se fiarem apenas em promessas. Os trabalhadores do parque de enchimento da Gás Cidra, na Moita, por exemplo, já pretendiam passar à acção para obrigar os monopolistas a passar das promessas aos factos. Os motores chegaram a parar. Mas ao ver que um grupo de bufos legionários não os seguia, recuaram. Ora o que é preciso é isolar esses bufos e ir para diante, unidos. Foi esse o caminho seguido pelos operários das outras empresas que conseguiram vitórias sobre o patronato.

Há que não se deixar atemorizar

O Relatório DE ÁLVARO CUNHAL EM DISTRIBUIÇÃO

Dada a grande extensão do relatório da actividade do Comité Central, apresentado pelo camarada Álvaro Cunhal ao VI Congresso do Partido Comunista Português, a sua publicação integral será relativamente demorada. Para atenuar os efeitos dessa demora e não privar por mais tempo os milhares de tão preciosos materiais de estudo, a editorial Avante! começou a distribuição duma edição de largas extracções desse Relatório. Requisita-o, estude-o e divulga-o!

com os bufos; há que vencer todo o ambiente de repressão que reina na região. O apoio do governo ao patronato é de resto evidente nos meios repressivos postos ao serviço dos patrões: patrulhas da GNR a cavalo e a pé percorrendo estradas e caminhos, demonstrações da GNR com carros de assalto e jeeps com fortes sirenes a apitar, stops quase diários nas entradas e cruzamentos das povoações mais industriais.

Mas nada detêr a ofensiva operária sobre os super-lucros dos patrões. O operariado da margem sul do Tejo, experiente e consciente, fortalecido com as vitórias já alcançadas, continuará a luta e alcançará novas vitórias. Organização, mobilização das massas, firmeza e persistência são as armas que o levarão a novas e importantes conquistas.

NA CUF

Instituída uma demagógica comissão de Recursos para os operários que não tivessem satisfeitos com as promoções, da que apenas beneficiou uma parte dos trabalhadores, logo uma avalanche de protestos lhe chegou. Tentando abajar o revolta que levava, os Melos mandaram para as cargas e descargas no cis um bom electricista que protestava enérgicamente, mandou para os adubos um motorista e um carpinteiro, etc.

Também na Comissão Interna as coisas não navegam a contento da demagogia dos Melos. Em Julho havia só 2 pontos na agenda: o protesto dos trabalhadores pelas injustiças feitas com as promoções e a desconfinça dos trabalhadores para com a comissão de Recursos. Os patrões anularam essa reunião. De nada lhes valeu: em Agosto eles lá estavam de novo, a pedido dos trabalhadores. Então os Melos grilam, barfusiagem, declaram não aceitar seja que pedido for que traga novos encargos para a empresa.

O operariado, porém, continua a insistir. A CUF pode suportar novos encargos. Os Melos aumentaram agora o capital da empresa para 1 milhão e 200 mil contos, dando assim garantias a capitalistas estrangeiros com quem se associem, como seja ultimamente a firma Billerud AB, para a produção de pasta de celulose em Leirosa (Figueira da Foz). A prosperidade reina entre os tubarões da CUF, são os operários que não podem suportar os encargos resultantes do engrandecimento do custo de vida. Deix os patrões, dá a sua unidade na luta. E novas vitórias já conseguiram. Assim, os operários de algumas secções passaram a beneficiar da semana inglesa e lutam agora contra a redução de uma hora para o almoço com que os patrões pretendem recuperar as horas de sábado; nos transportes do cis, os operários não foram aumentados, mas conseguiram agora a inclusão do prémio-mérito no salário-base; os operários da secção da Electrolise do Cobre conseguiram uma nova equiparação de salários.

Continua a resistência proletária à ofensiva exploradora do patronato da CUF. Contra a vontade deste, os operários continuam a discutir por toda a empresa e também na Comissão Interna da empresa os seus problemas principais. Por mais que os Melos desencorajem os delegados eleitos pelos operários para a CIE, o operariado cufista deve continuar e bater-se pelo aproveitamento dessa comissão para dis-

vitória estudantil

(continuação da pág. 1)

lugar público, viu uma sua oração de «Bápiência» (?) abafada por «ataques de tosse e risos», foi ovado por estudantes quando exerceu em público funções de polícia. Os gritos de «Demissão! Demissão!» cruzavam-se hns ares de Lisboa gritados de Faculdade em Faculdade. Os comunicados dos dirigentes académicos puseram várias vezes em letra de forma essa exigência dos universitários de Lisboa, apoiados por todos os estudantes portugueses e de vários países Paulo Cunha foi justamente odiado pelos estudantes. Mas Paulo Cunha não fez sem autorização ou até ordem de Salazar, de Galvão Teles e dos outros dirigentes fascistas. Enquanto houver fascismo aparecerão sempre os Cunhas a actuar contra os estudantes.

Há que festejar a expulsão de Paulo Cunha. Expulsão sim, que ele demitiu-se porque há muito fora expulso pelos estudantes! Há que festejar esta grande vitória estudantil imposta ao governo. Mas há que a festejar em combate! É que Paulo Cunha parte mas deixa de pé a sua obra — sua e do governo que fica: muitos dezenas de estudantes presos e torturados, vários condenados pelo tribunal fascista, mais de duas centenas de universitários de Lisboa expulsos, suspensos ou transferidos (29 nos 2 primeiros anos e 177 no 3º ano do seu reitorado), indo as expulsões até 2, 3, 4 anos e mesmo uma a 8 anos!

Os estudantes continuam a sua luta pela autonomia da Universidade, pela liberdade das suas Associações Académicas, pela realização de eleições livres para a escolha dos seus dirigentes, pela abelção imediata das comissões administrativas fantoches, pela proibição da livre circulação de bandas armadas de fascistas nes escolas, pela protecção das instalações contra os grupos de bendoleiros fascistas que se assellam (3 vezes num mês as do Técnico!), etc. Nesta sua luta podem agora os estudantes inscrever em letras douradas uma grande vitória: a expulsão de Paulo Cunha. Mas a luta deve prosseguir. Paulo Cunha sai da Universidade mas deixa instalada a PIDE e os métodos pidoscos: ainda ficam como professores o inspector da PIDE Farinha dos Santos (Letras de Lisboa), o propagandista do fascismo Carlos Soveral (Letras do Porto), os arruaceiros da Comissão Administrativa de Ciências, em Lisboa a comissão administrativa da Associação Académica de Coimbra, etc. Os estudantes devem lutar para que com Paulo Cunha saiam os seus lacaios, os seus métodos e também os seus patrões, Salazar, Galvão Teles e os outros ministros. Os estudantes devem lutar pela abelção dos chamados «procedimentos disciplinares», pela integração nos seus cursos dos alunos castigados, pela libertação dos seus colegas presos, pela possibilidade de voltarem à Pátria para aqui terminarem os seus cursos as várias dezenas de estudantes que se defenderam da fúria repressiva fascista exilando-se no estrangeiro.

Além disso os estudantes universitários, como cidadãos conscientes de que todos os males da que padece o nosso País e nele a Educação Nacional são fruto da existência duma ditadura terrorista e fascista que Salazar dirige ao serviço dos monopólios associados ao imperialismo estrangeiro e dos latifundiários, não deixarão de participar cada vez mais activamente na luta de todo o povo português contra o fascismo, pela paz e pela democracia. Avante, estudantes portugueses, por novas lutas e por novas vitórias!

cutir com os patrões e lhes arrancar novas concessões.

Nada de desobediências frente à demagogia ou às provocações patronais. Resistir organizadamente é a via para a vitória. Dar vida a novas comissões de unidade e pressionar os delegados operários à CIE com a aprovação de resoluções em assembleias por secções ou zonas é aumentar a força das reivindicações operárias, criando assim as condições para novas conquistas.

Avante, trabalhadores da CUF! Contra a exploração dos operários pelos Melos, contra os super-lucros que arrancam do vosso trabalho, exige a satisfação das vossas reivindicações.

Vitória de mineiros

Mines da Panesqueira — Os operários do sub-solo obtiveram uma importante vitória, ao conquistarem, em fins de Novembro, um aumento geral de 15\$00 por dia e, ainda, um prémio de presença. Assim, os salários de 40\$00 passaram para 55\$00, os de 47\$00 para 62\$00, etc.

Para que a vitória seja completa, devem os operários dos serviços exteriores reclamar igual aumento.

GANHOS DOS ELECTRICISTAS DO PORTO

Desde há algum tempo, os electricistas do Porto vinham reclamando aumento geral de salário. A luta foi conduzida através do Sindicato. Ali se deslocavam frequentemente os operários em pequenos grupos ou individualmente, insistindo pela satisfação da sua reivindicação. A vitória foi agora alcançada, sendo obtido aumento geral de 10\$00 por dia.

Os operários portugueses presentes no VI Congresso Sindical Mundial

Delegações sindicais de 90 países, representando mais de 167 milhões de trabalhadores de todos os continentes e das raças mais diversas, tomaram parte nos trabalhos do VI Congresso Sindical Mundial, que se realizou em Varsóvia de 8 a 22 de Outubro do corrente ano.

Os informes apresentados por Louis Saillant, secretário-geral da Federação Sindical Mundial, e por Luiz Padilla, secretário daquela organização, traçam um quadro das grandes lutas da classe operária à escala internacional, dos sucessos do movimento de libertação, da difícil situação criada aos trabalhadores pelo poder dos monopólios, pelo aumento da exploração capitalista, dos actos de agressão e de guerra das nações imperialistas, e em particular dos Estados Unidos, contra o Vietnam, contra Cuba, a república do Congo e S. Domingos.

Os dois informes sobre a criminosa agressão americana ao Vietnam apresentados pelas duas delegações daquele país chamavam a atenção dos trabalhadores e das forças progressivas do mundo inteiro para a bárbara guerra de extermínio dos Estados Unidos contra o povo do Vietnam e colocaram na ordem do dia do Congresso a necessidade de intensificar ainda mais as acções de solidariedade e a ajuda concreta em todo o mundo ao povo de Vietnam, submetido a uma guerra tão brutal como criminosas.

Usando da palavra o delegado português, informou o Congresso sobre a situação política nacional, as lutas da classe operária contra a exploração capitalista e a guerra colonial, contra o regime fascista de Salazar chamando ao mesmo tempo a atenção do Congresso para o modo como os trabalhadores portugueses utilizam os «sindicatos nacionais» para a defesa dos seus

interesses e para a condução de pequenas e grandes lutas.

O VI Congresso Sindical Mundial, na continuação dos actos de solidariedade da F.S.M., aprovou uma resolução de apoio à luta dos trabalhadores portugueses e enviou dois telegramas às autoridades salazaristas: um dirigido ao ministro da Justiça, no qual se protesta contra a repressão fascista e se reclama a libertação de José Vitoriano e de todos os presos políticos; outro ao presidente da República, exigindo que se ponha fim à guerra colonial e se reconheça aos povos sob dominação portuguesa o direito à independência imediata e completa.

O VI Congresso Sindical Mundial reafirmou a necessidade de reforçar e alargar a Unidade da classe operária, de intensificar a luta dos trabalhadores e dos povos oprimidos pela conquista das suas reivindicações fundamentais, pela defesa da independência nacional e da paz, pelo triunfo da democracia e o socialismo.

Comportamentos na PIDE

(continuação da pág.1)

e baixezas morais, e camarada Maria da Conceição recusou-se mesmo a identificar-se, apesar de ficar proibida de se servir da casa de banho enquanto não preencher-se a identificação. Maria da Conceição foi assim obrigada a fazer as suas necessidades de um canto da própria sala de interrogatório, diante dos pides, e depois a limpar o chão com as suas próprias roupas. Manida nesta situação durante 2 dias e 2 noites, sobreveio-lhe a menstruação, o sangue correu-lhe pelas pernas, as roupas encharcadas. A camarada tem as primeiras elucubrações, mas o seu grito é sempre o mesmo: podem matar-me, mas não falo.

Levamos 2 dias para Coxias onde se mantém na greve da fome que tinha iniciado contra a tortura logo no 1º dia. Regressada aos interrogatórios, como continuasse a não falar, despem-na até ficar apenas em cuecas e sutiens, insultando-a com as mais baixas provocações. Mas Maria da Conceição, apesar de praticamente nua diante dos pides, encontra-se vestida moralmente, couraçada com a sua dignidade de heróica mulher comunista e nem os pontapés por todo o corpo e cara a vergarem. Quem vergou foi a polícia. 2 meses de isolamento, de fome, de torturas, alucinações constantes, não fez falar Maria da Conceição. Mais uma vez e grande causa do Comunismo vencia a pior reacção fascista através dum dos seus mais modestos militantes, exemplo de coragem e de espírito de sacrifício para meditação de todos os homens e mulheres do nosso País.

Orgulhoso de mais estas heróicas filhas da classe operária, o Partido Comunista chama a atenção do povo português, dos democratas, dos juristas, dos médicos, de toda a gente de coração em Portugal e no estrangeiro, das grandes organizações democráticas de massas ao longo de todo o Mundo para as torturas que vêm sendo aplicadas aos presos políticos portugueses.

É hoje corrente nos antros da PIDE espancar os presos com paus e cintos, esbofetear, dar pontapés, alisar a cabeça dos presos contra as paredes, pendurá-los pelos pés e bater-lhes com a cabeça no chão, apertar os testículos dos homens, desnudar as mulheres, aplicar choques eléctricos, fazê-las ouvir durante horas gravações de torturas, de vozes de familiares dos presos que lhes gritam por socorro, etc. São conhecidas as agressões no acto de prisão e mesmo dois casos de falsa execução a tiro, em pinhais, em que o preso, com a pistola encostada ao ouvido é pressionado para faltar ou morrer.

O «Avante!» denuncia o agravamento que se regista nas torturas infligidas aos presos políticos e dirige um apelo a todas as pessoas de coração, a todos os democratas no país e no estrangeiro para que se intensifiquem as acções de solidariedade e de protesto, para que se consiga pôr termo às torturas, para que se imponha ao fascismo a Amnistia de todos os presos políticos,

CRESCEM AS DESERÇÕES E PROTESTOS contra a guerra colonial

A resistência à guerra colonial e à política fascista em África cresce cada vez mais no nosso país.

Podem os jovens portugueses sacrificar a vida pela causa dos opressores dos povos, pela causa do colonialismo? Não, não podem. Por isso aumentam as deserções no país, na Guiné, em Angola, Moçambique, testemunhando a indignação e a revolta que levra nas forças armadas. Na Guiné, um grupo de soldados, sob a direcção de um oficial, desertou colectivamente. Um outro grupo de soldados recusou-se a cumprir as ordens de um oficial fascista e abateu-o a tiro.

A bordo do «Massa», que conduzia tropas para as colónias, registou-se uma revolta dos soldados. O pequeno levo de regressar, escoltado por dois navios de guerra. Com soldados foram feitos prisioneiros.

O número de prisões por motivo de deserção aumenta cada vez mais. Em Lisboa encontram-se presos 400 militares por se recusarem a participar na guerra colonial. No Porto, encontram-se presos 200 soldados desertores.

Nos princípios de Outubro do corrente ano desertaram 19 soldados, na segunda década do mês desertaram mais 68 soldados. Depois registou-se uma nova deserção de 1 alferes, 2 aspirantes, 1 sargento miliciano e mais cinco soldados. Os oficiais são da Ericeira, Açores e Panamacor.

Como registámos no número de Novembro do «Avante!», cerca de 30 soldados, cabos e sargentos, que faziam parte de um contingente da Guarda desertaram colectivamente.

Podemos dizer que milhares de jovens se recusam a fazer a guerra colonial, tornando-se desertores do exército.

A deserção é um acto de protesto contra a política colonial do fascismo. Os jovens não se apresentam à inspecção, abandonam os quartéis, recusam-se a embarcar.

A luta contra a guerra colonial impõe que se continue a fomentar a deserção dos soldados e oficiais, quer de forma individual ou colectiva.

Quem deve realizar esta tarefa? Esta tarefa deve ser realizada pelos militares mais esclarecidos e em particular pelos soldados e oficiais comunistas. Estes só podem fomentar e organizar a deserção quando se mantêm no exército, junto dos seus companheiros para os esclarecer e orientar. A deserção deve ser tanto quanto possível colectiva. Os comunistas devem desertar quando participem com os seus camaradas neste tipo de acções colectivas.

A deserção tornou-se uma forma de luta contra a guerra colonial, contra os opressores dos povos de Portugal e das colónias, contra os inimigos da juventude.

Não poupemos esforços para organizar novas deserções colectivas.

MAIS MENSAGENS ao VI Congresso

Além das mensagens enviadas ao VI Congresso do P.C.P. e publicadas no número de Novembro do «Avante!», outras saudações de Partidos irmãos chegaram posteriormente à nossa redacção.

Por absoluta falta de espaço não podemos transcrever na íntegra as mensagens em questão e delas damos apenas um curto resumo.

DO PARTIDO COMUNISTA CECOSLOVACO

Saudando a realização do VI Congresso do P.C.P., o Comité Central do Partido Comunista Checoslovaco manifesta a sua convicção de que um tal acontecimento assegurará novos e importantes êxitos ao nosso Partido.

A mensagem reafirma o apreço em que o Partido irmão da Checoslováquia tem a luta dos comunistas portugueses pela defesa dos interesses dos trabalhadores, pelo

reforço da unidade das forças democráticas, pelo papel de vanguarda que têm desempenhado no combate à ditadura fascista e pela sua posição consequente e justa em defesa de luta dos povos coloniais pela independência imediata e completa.

DO PARTIDO COMUNISTA ROMENO

Na saudação dirigida ao VI Congresso, o Comité Central do P. Comunista Romeno destaca a acção conduzida pelo PCP na direcção das lutas da classe operária e do povo contra a ditadura fascista, contra a guerra colonial, pela conquista da Democracia, da Independência Nacional e da Paz, assegurando ao nosso Congresso novos e importantes êxitos.

DO PARTIDO COMUNISTA GREGO

O CC do P.C. Grego exprime o apreço em que tem a luta do nosso Partido pela defesa dos interesses dos trabalhadores, faz menção do papel de vanguarda do P.C.P. na luta da classe operária e das massas laboriosas e caracteriza como uma acção persistente e fundamental o combate dos comunistas portugueses pela criação de uma frente comum da luta das forças antifascistas.

A mensagem do P.C. Grego refere-se em destaque à luta do nosso P. contra a guerra colonial e à sua consequente posição de apoio à justa luta pela independência imediata dos povos sob dominação salazarista.

DO PARTIDO SOCIALISTA OPERÁRIO HÚNGARO

A mensagem do P.S. Operário Húngaro, assinada pelo camarada ZOLTAR KOMOTCHIN, Secretário do Comité Central, assinala a simpatia com que os comunistas húngaros seguem a luta que a classe operária, os camponeses e os intelectuais travam contra o regime ditatorial de Salazar, sob a direcção do P.C.P., pela democracia, pela independência nacional, pela auto-determinação dos povos coloniais, pela salvação da Paz em todo o mundo.

Desejem ao nosso Comité Central e a todos os membros do nosso Partido bom trabalho e grandes êxitos.

Rádio Portugal Livre

Transmite todos os dias em ondas curtas de: 25 metros — às 7 horas da manhã 32 metros — às 19 e 21,15 horas 36, 40 e 43 metros — às 23,30 horas.

ESCUA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE! DIVULGA-A!

CAMPANHA DE FUNDOS

Nas duras condições de clandestinidade em que vivemos, a realização com êxito de um Congresso que a todos os comunistas e trabalhadores conscientes deva encher de orgulho. Testemunhamos o nosso gozo, encabeçando nas nossas terras e nos locais de trabalho a CAMPANHA DE FUNDOS EM HONRA DO VI CONGRESSO.

O Partido necessita de muitas centenas de contos para cumprir os tarefas que a luta exige. Multiplicamos as iniciativas!

Não esqueçamos também o NATAL DOS PRESOS POLITICOS, esses homens e mulheres que pagam um pesado tributo à luta pela libertação do nosso povo, à causa da democracia. Muitos dedicaram a sua vida à causa do povo e permanecem ali há anos, sujeitos a torturas e provocações, num regime prisional feroz e desumano.

De há muito que o nosso povo lhes faz chegar pelo NATAL o calor da sua amizade, destinando-lhes gratificações de fim do ano, um dia de trabalho ou recolhendo géneros, roupas, tabaco, dinheiro. Que nenhum patriota se esqueça da solidariedade aos presos políticos!

Acompanha este número uma separata de rubricas no valor de 53,148\$50.